

<http://www.movimento.com/mostraconteudo.asp?mostra=2&escolha=4&codigo=4249>

Crítica

Orquestra Sinfônica de Barra Mansa: um milagre além de qualquer crítica e crítico

Na foto, violoncelista Glenda Valéria, 19 anos, artista símbolo da OSBM!



Em nosso país, o surgimento de uma nova orquestra sinfônica em uma (pequena?) cidade do interior é evento a ser saudado com entusiasmo de torcida do Flamengo em tarde de vitória. O simples fato da existência de uma orquestra sinfônica de tais características, estrutura montada, regente escolhido, ensaiando e executando em nossos teatros e salas obras do repertório, é fato suficiente para entusiasmar até o mais renitente pessimista, e para levar a lágrimas de alegria aquelas senhoras do conservatório e das escolas de música que só gostam de Chopin e suas baladas, com o Néelson de fraque e dedinho mindinho levantado no fim da escala ou o Drácula ao piano com sua face cor de marfim ...

A Orquestra Sinfônica de Barra Mansa (antiga cidade do Vale do Paraíba, no sul do Estado do Rio de Janeiro, com cerca de 200.000 habitantes), apresentou-se com seu regente titular Guilherme Bernstein na Sala Cecília Meireles neste 20/12, em programa Beethoven: abertura Egmont, Sinfonia n. 1 e concerto para piano número 3, com o pianista Moura Castro.

Seus instrumentistas são todos muito jovens, o que traz mais encanto ao conjunto: segundo divulgado a este site, são todos alunos ou professores das escolas do município, com idade entre 14 e 24 anos, todos nascidos e educados na região!!

Sério problema brasileiro (não nos esqueçamos do *homem cordial* de Sérgio Buarque de Holanda...) é no entanto uma tendência a um otimismo fácil e por vezes prejudicial. A OSBM é um milagre, sua existência é digna de todo o entusiasmo, mas que não se pense que o objetivo final já está alcançado e que temos uma Filarmônica de Viena cabocla no Vale do Paraíba. Não. Ainda falta muito. Mas com aqueles instrumentistas e seu regente pode-se chegar ao inimaginável.

Não temos ali diante de nós uma orquestra que trabalha no sistema "embrulha e manda", não. A impressão que se tem é de coisa elaborada, cuidada. As menores valias são elementos naturais em conjuntos sinfônicos jovens e recentes, e passam despercebidas diante do entusiasmo que a orquestra desperta e do entusiasmo e interesse com que todos atuam.

Símbolo desse entusiasmo e interesse, lá na última fila dos violoncelos, a violoncelista Glenda Valéria, de 19 anos, tocava abraçada a seu instrumento de forma a seguir com ele, como em uma dança, o ritmo das peças executadas, de acompanhar ritmos e assinalar acordes com movimentos e expressões corporais dela e de seu instrumento colado nela como parte de seu corpo. Em muitos anos de vida em salas de concerto, poucas vezes vimos algo tão musical como Glenda a dançar com seu violoncelo. Por isso e por sua contagiosa juventude, a escolhemos como artista-símbolo da OSBM.

Tal rendimento certamente deve-se ao trabalho do regente Guilherme Bernstein, expressivo em seus gestos de comando, escolhedor de tempos apropriados, elaborador de detalhes e de sonoridades. Sem um regente de pulso, inspirado e exigente, tal conjunto não iria tão longe quanto está indo. Sem comando, nenhum conjunto sinfônico funciona a contento. E a OSBM vai muito além disso.

Já na abertura Egmont, desde o início notou-se o aprumo da orquestra, a ausência de sonoridades raspadas ou calantes nas cordas e a presença de metais e madeiras corretíssimos, o que se repetiria na Sinfonia n. 1, em cujo segundo movimento houve excepcional aproveitamento de um jogo claro/escuro absolutamente notável. E no concerto n. 3 para piano e orquestra, presente à frente de tudo a mítica figura do pianista Moura Castro, aconteceram maravilhas de extraordinária beleza.

Conheci Moura Castro no Colégio Pedro II. Éramos contemporâneos e ele já tocava seu piano de forma absolutamente remarcável. Lembro-me bem: um dia, pôs-se a tocar para nós a Consolação n. 3 de Liszt, para um encantamento nosso que perdura até hoje pela pureza de seus ataques das frases musicais, pelo acabamento sempre cabível, pela clareza das escalas, pelo uso cinzelado dos ornamentos, grupetos e apojaturas no lugar sempre certo, rubatos na medida exata. Agora, cabelos brancos, Moura Castro é o mesmo de antigamente, com aquele algo mais que os longos anos percorridos lhe trouxeram: é ele sumamente expressivo, executando o que não vem escrito na partitura. Lembremo-nos sempre de Gustav Mahler e de sua célebre frase *“a partitura tem tudo, menos o essencial.”* Esse essencial nos é trazido por Moura Castro.

Enfim, um concerto para poucos mas entusiasmados eleitos da sorte. Não era grande o público presente, mas era tão bonito o que era trazido a esse público pela OSBM que parecia que tínhamos na sala um milhão de pessoas batendo palmas.

MARCUS GÓES
SALA CECÍLIA MEIRELES
20/12/2008

Autor [Marcus Góes](#)
em **21/12/2008**